



UNISO CIÊNCIA



CONHECIMENTO A SERVIÇO DA COMUNIDADE • EDIÇÃO Nº 30 • 26/01/2025

KIT DIDÁTICO SOBRE PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO INDÍGENA ESTARÁ DISPONÍVEL PARA EDUCADORES

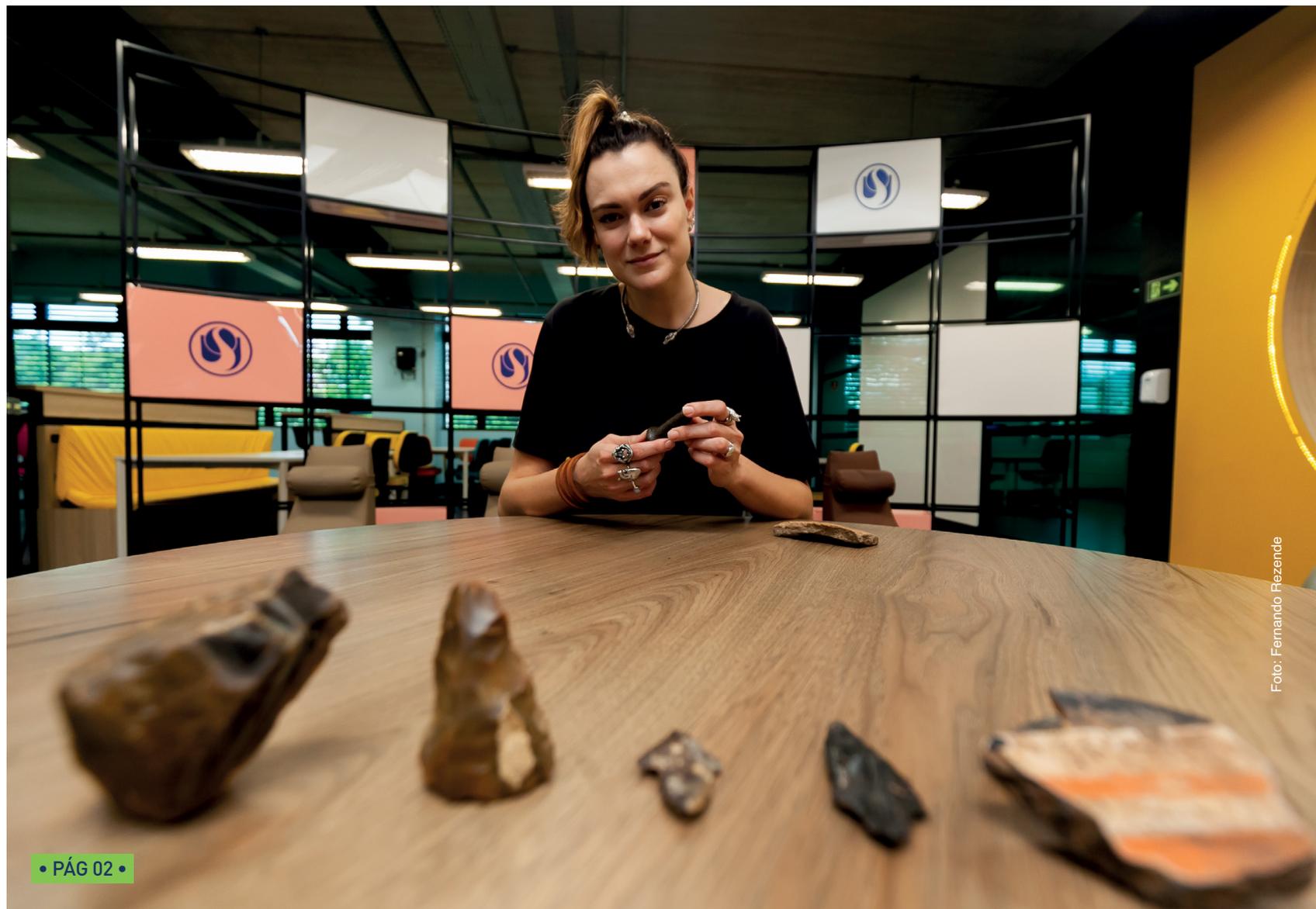


Foto: Fernando Rezende

EDITORIAL

Nesta primeira edição do ano, apresentamos um projeto que resultou no desenvolvimento de um kit didático-pedagógico composto por artefatos arqueológicos remanescentes de grupos indígenas que vêm habitando a região de Sorocaba desde muito antes da colonização portuguesa.

Formado por 13 peças, como fragmentos cerâmicos e flechas, especialmente selecionados entre os cerca de 40 mil itens do Museu Histórico Sorocabano (MHS), o kit poderá ser utilizado por educadores interessados em explorar a temática da presença indígena na região. A elaboração desse material resulta de um projeto colaborativo que envolveu pesquisadores, professores e estudantes, e instituições como Uniso, UFSCar e USP.

Na medida em que esses artefatos são reinseridos socialmente, agora não mais atrelados à sua função utilitária, mas sim em contextos de pesquisa e de educação, ampliamos as possibilidades de conhecimento — e de reconhecimento — da importância da história dos povos originários para a formação da nossa região. Confira os detalhes nas próximas páginas.

Boa leitura!

Prof. Dr. Rogério Augusto Profeta
Reitor

Prof. Dr. Fernando de Sá Del Fiol
Pró-Reitor de Graduação
e Assuntos Estudantis

Prof. Dr. José Martins de Oliveira Júnior
Pró-Reitor de Pós-Graduação,
Pesquisa, Extensão e Inovação

EXPEDIENTE

Uniso Ciência é uma publicação da Universidade de Sorocaba.

Reitoria: Prof. Dr. Rogério Augusto Profeta (Reitor), Prof. Dr. Fernando de Sá Del Fiol (Pró-Reitor de Graduação e Assuntos Estudantis) e Prof. Dr. José Martins de Oliveira Júnior (Pró-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Inovação).

Coordenação: Assessoria de Comunicação Social (Assecsoms) / Jornalista responsável: Mônica Cristina Ribeiro Gomes (MTB 27.877).

Equipe: Prof. Dr. Édison Trombeta de Oliveira, Prof. Dr. Guilherme Profeta e Profa. Dra. Mara Rovida (Reportagens), Beatriz Morato Lobão Grandão (Diagramação), Paula Rafael Gonzalez Valelongo (Revisão).

Conselho Editorial: Prof. Me. Adilson Aparecido Spim, Prof. Dr. Edgar Robles Tardelli, Prof. Dr. Lourival Antunes de Oliveira Filho, Profa. Ma. Mônica Cristina Ribeiro Gomes e Prof. Dr. Nobel Pentead de Freitas.

Informações: ciencia@uniso.br
(15) 2101.7006/7081 | uniso.br

KIT DIDÁTICO SOBRE PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO INDÍGENA

ESTARÁ DISPONÍVEL PARA EDUCADORES DE SOROCABA E REGIÃO

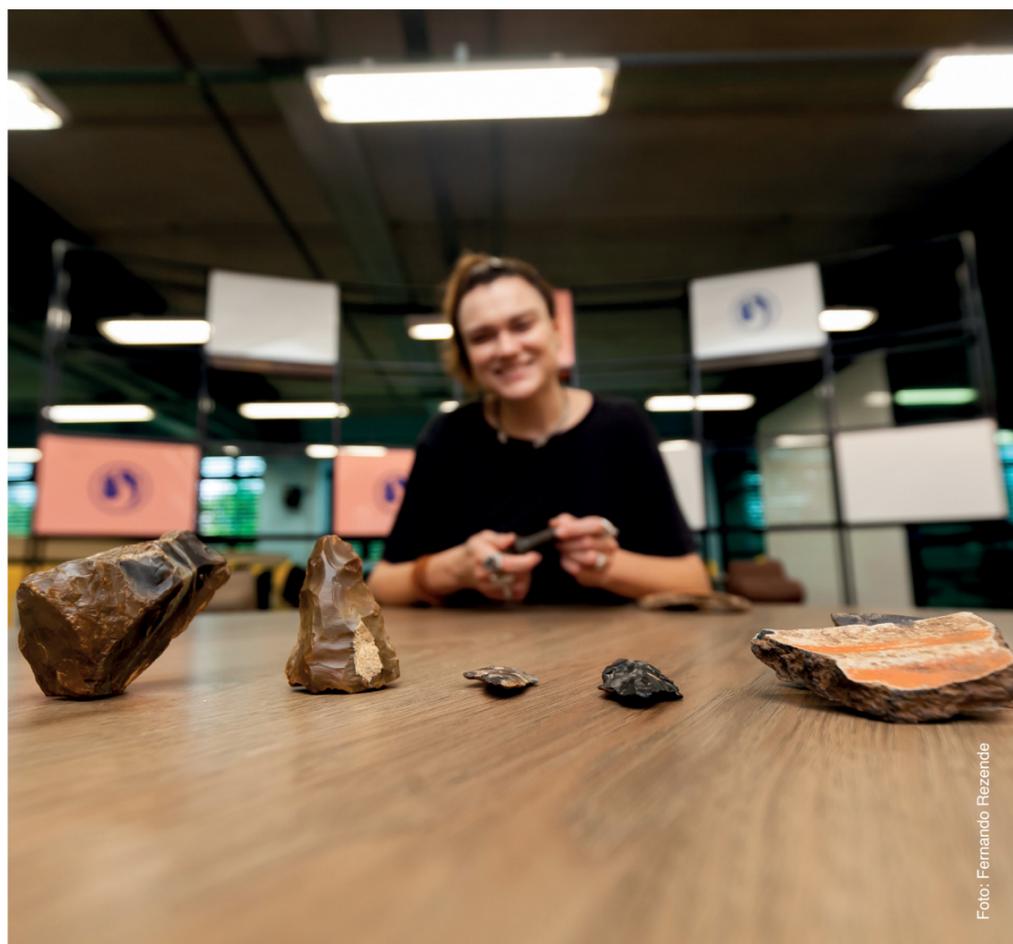


Foto: Fernando Rezende

O kit didático, cuja elaboração foi coordenada por Larissa G. Losada, contém objetos líticos e fragmentos cerâmicos, entre outras peças

REPORTAGEM: Guilherme Profeta
FOTOS: Fernando Rezende e Gustavo Monteiro

Sempre que alguém conta uma história, qualquer que seja ela, existe um processo de escolhas que antecede o ato de contá-la. Decidir quem é o protagonista implica deixar outros personagens em segundo plano, e até o silêncio — aquilo que, por qualquer que seja a razão, você omite — é resultado de uma decisão (mesmo que isso aconteça de forma

inconsciente, fruto, por exemplo, do ato de replicar outras histórias que contaram a você durante toda a sua vida). Assim, recontar as mesmas histórias de formas diferentes requer o exercício crítico de tomar novas decisões narrativas, mas esse processo pode ser bastante difícil quando as histórias em questão já foram contadas muitas vezes antes (o que faz as pessoas se tornarem dispostas a brigar

por suas versões preferidas), e ainda mais quando elas são consideradas a História oficial, grafada com H maiúsculo.

Nesses casos, quem conta essas histórias são aqueles que detêm algum poder, não raro colocando-se na condição de narradores e, simultaneamente, protagonistas. Isso não quer dizer que esses narradores estão necessariamente mentindo, mas que eles fizeram escolhas relacionadas à forma que serão retratados: um colonizador que acabou de chegar a uma terra estrangeira em busca de riquezas, por exemplo, pode ser descrito como destemido, visionário e pioneiro, mas, para um nativo cujo território foi invadido, ele pode ser simplesmente impiedoso, destrutivo e desumano. Ambas as narrativas (nenhuma delas imparcial) podem ter o seu quê de verdadeiras; o problema é que, normalmente, uma versão se sobressai à outra, não raro apagando-a quase que totalmente.

Isso nem sempre foi um problema para a historiografia, mas existem pesquisadores contemporâneos que questionam esse processo, defendendo o direito que as sociedades democráticas têm (ou deveriam ter) de conhecer, também, as narrativas não hegemônicas, como alternativas à História oficial, assim retirando-as das margens e das entrelinhas. No caso da colonização do território brasileiro, isso implica olhar menos para a perspectiva do colonizador e mais para a perspectiva do nativo, muitas vezes esquecida. Esta não é a primeira vez que o projeto Uniso Ciência aborda esse assunto; em 2022, uma reportagem publicada na revista tratou do pensamento decolonial por trás da atualização do inventário do Museu Histórico Sorocabano (MHS) e, em 2023, outra reportagem publicada neste tabloide problematizou o aniversário de Sorocaba como um convite para refletir sobre as narrativas escolhidas para compor a História oficial, tanto do município quanto do interior paulista como um todo. Ambas as reportagens estão **DISPONÍVEIS GRATUITAMENTE** no repositório do projeto.

DESENVOLVIMENTO DE UM KIT DIDÁTICO

Existem muitas maneiras de se apropriar dessas narrativas alternativas. Isso pode acontecer tanto na educação informal (aquela que acontece



Siga o link pelo QR code para ler a reportagem **“Preenchendo as lacunas da História: uma nova vida para o acervo arqueológico dos povos originários de Sorocaba”**, na revista do projeto Uniso Ciência (edição #10, dez./2022)



Siga o link pelo QR code para ler a reportagem **“Aniversário de Sorocaba é convite para refletir sobre 'História oficial'”**, no tabloide do projeto Uniso Ciência (edição #24, 30/07/2023)



fora da escola, quando você visita um museu ou lê uma reportagem como esta, por exemplo) quanto na educação escolar. Dentro das escolas, mais especificamente, isso pode acontecer com o auxílio de materiais diversos, que não precisam ser livros didáticos tradicionais. Nesse sentido, Larissa Girardi Losada, que é egressa do curso de graduação em História da Universidade de Sorocaba (Uniso) e acabou de finalizar o seu mestrado em Museologia na Universidade de São Paulo (USP), esclarece que kits didático-pedagógicos costumam ser relativamente frequentes no contexto da Arqueologia — como é chamada a ciência que estuda as culturas e as civilizações, principalmente por meio de vestígios materiais deixados por elas.

“Esses kits são compostos, muitas vezes, por vestígios sem proveniência que estavam nas reservas técnicas de museus e que acabavam não

sendo consultados, por não servirem às pesquisas arqueológicas consideradas mais tradicionais (que prezam pela identificação do contexto de cada peça); ou por réplicas de artefatos, criadas para fins educacionais; ou ainda por uma parcela de bens arqueológicos resgatados, destinada à educação patrimonial. Em todos esses casos, o objetivo é o mesmo: aproximar a sociedade do que chamamos de patrimônio arqueológico. Tais kits são concebidos principalmente por instituições museológicas e por profissionais da Arqueologia, da Educação e da Museologia, atualmente contando com a colaboração de diferentes grupos sociais. Normalmente eles são utilizados em atividades conduzidas em museus e escolas”, ela explica.

Losada foi, em 2024, a coordenadora de um projeto para o desenvolvimento colaborativo de um desses kits, com foco no patrimônio arqueológico



Da esquerda para a direita: O professor doutor Walter C. Swensson Junior, Larissa G. Losada, Cristian Miguel Brazão, Maria Eduarda Scatena Brançam, Mateus Lopes Teixeira, Kuhupy Waura e Claudilene Pedrosa Caldas (sentada), na ocasião do lançamento do kit, em 2024, na Semana de História da Uniso

e na representatividade indígena em Sorocaba e região, composto por itens provenientes da reserva técnica do MHS após atualização de seu inventário. “São artefatos arqueológicos sobre os quais não há informações de proveniência (sítio, doador ou arqueólogo responsável). São, portanto, materiais que não possuem dados suficientes para serem incorporados a exposições vigentes do museu, mas, a despeito disso, dão ênfase às narrativas alternativas que também compõem a memória regional, e podem ser exitosos para fins didáticos e educacionais”, diz Losada.

Dos aproximados 40 mil itens que compõem o acervo do MHS, cerca de 400 se enquadram nessa categoria, incluindo pontas de projéteis (flechas), mãos de pilão, lâminas de machado e cerâmicas decoradas. Desses itens, 37 foram pré-selecionados e passaram por uma triagem, resultando nas 13 peças escolhidas para compor o kit em sua versão final — com o cuidado de não incluir nenhum material sabidamente oriundo de contextos funerários, em respeito à possível sacralidade de tais itens para os povos e culturas indígenas de onde esses artefatos foram retirados (e visto que essa é uma

discussão bastante contemporânea nos campos da Museologia, da Arqueologia e da Antropologia, entre outros). Participaram desse processo de seleção, coordenados por Losada, pesquisadores da Uniso, estudantes indígenas integrantes do Centro de Convivência Indígena (CCI) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar, câmpus Sorocaba), além de pesquisadores e colaboradores de outras instituições, como o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). A lista completa de envolvidos pode ser encontrada na ficha técnica do projeto, ao fim desta reportagem.

“Refletir sobre essas formas de extroversão dos acervos de museus como o MHS implica pensar nas maneiras como determinados objetos podem ser socialmente e culturalmente apropriados pelas pessoas e, neste caso, reincorporados à vida social. Cabe mencionar que, especialmente no caso dos vestígios arqueológicos, estamos tratando de materialidades que refletem uma história indígena de ocupação do território, tema que foi

longamente negligenciado e subtraído da construção histórico-político-cultural do que hoje chamamos de Brasil. Assim, reativar essas materialidades pode ser um caminho para fomentar histórias e memórias não hegemônicas, democráticas e menos estereotipadas”, conclui Losada.

O **KIT** deverá estar disponível para empréstimo por educadores de Sorocaba e região a partir do

primeiro semestre de 2025, para ser usados em aulas de História ou qualquer outra disciplina ou componente curricular em que seja possível discutir e problematizar a ocupação indígena, principalmente na região de Sorocaba — não só na atualidade, mas ao longo de todos os milênios em que essas populações estiveram presentes por aqui. Confira, na sequência, como fazer para utilizá-lo.



As caixas que compõem o kit estão acondicionadas numa única mala de viagem de fácil movimentação, de modo que uma pessoa seja capaz de carregar sozinha

GUIA RÁPIDO PARA UTILIZAÇÃO DO KIT

POR PROFESSORES DE TODOS OS NÍVEIS DE ENSINO

- 1** Se você, professor(a), deseja utilizar o kit como parte de uma aula que estiver planejando, a primeira coisa a fazer é uma solicitação formal ao Museu Histórico Sorocabano (MHS). Isso poderá ser feito a partir de março de 2025, por meio do preenchimento de um **formulário**, que deverá estar disponível no site da Secretaria da Cultura de Sorocaba: cultura.sorocaba.sp.gov.br.
- 2** É importante que, antes de conduzir sua aula, você tenha traçado claramente os seus **objetivos educacionais**: quais conhecimentos, habilidades e atitudes (incluindo valores) você deseja que o seu estudante desenvolva a partir da utilização do kit em aula? Considere o nível de familiaridade da turma em relação à temática e também como mensurar, após a aula, se o processo de aprendizagem foi minimamente bem-sucedido ou não.
- 3** Prepare e registre uma **sequência didática** (SD) para a sua aula. Ou seja: elabore um roteiro pedagógico em etapas, incluindo uma etapa de introdução ao kit e uma listagem de todas as atividades que você planeja conduzir com seus estudantes, numa ordem sequencial. Essa SD deve ser uma espécie de passo a passo para atingir os objetivos educacionais traçados anteriormente.
- 4** Familiarize-se minimamente com os **contrapontos históricos** que serão discutidos em sua aula (ou seja, com os eventos, contextos, personagens etc. que oferecem perspectivas alternativas às narrativas predominantes na historiografia tradicional). Para ajudá-lo(a) nesse processo, o kit deverá conter materiais de apoio idealizados especialmente para esse fim e, além disso, você pode a ler mais a respeito nas reportagens indicadas na p. 3.
- 5** Lembre-se de que os objetos arqueológicos são representativos de culturas do passado e do presente; eles não são meras curiosidades e não devem ser tratados como tal. No contexto do kit, esses itens foram selecionados para servir como **vetores de discussões** mais complexas sobre representatividade e democracia, direito à memória (por parte de grupos historicamente marginalizados), narrativas alternativas à historiografia tradicional etc.
- 6** Esteja preparado(a) para conduzir e supervisionar o manejo dos itens que compõem o kit, assim como qualquer discussão subsequente, com **respeito e responsabilidade**, oferecendo espaço para que as pessoas exponham suas opiniões, angústias, críticas etc., e orientando os estudantes sobre o processo histórico de construção de estereótipos e discursos no contexto brasileiro.

COMPOSIÇÃO DO KIT



caixa 1



caixa 2



caixa 3



caixa 4



caixa 5



caixa 6

Os 13 itens que compõem o kit estão organizados em seis caixas: objetos líticos (4 peças, caixa 1), fragmentos cerâmicos (3 peças, caixa 2), lâmina de machado (1 peça, caixa 3); outros fragmentos cerâmicos (2 peças, caixa 4), virotes polidos (2 peças, caixa 5) — sendo que virotes são flechas mais curtas e rígidas do que flechas tradicionais — e lâmina polida (1 peça, caixa 6).



O professor doutor Walter C. Swensson Junior, coordenador do curso de graduação em História da Uniso e um dos pesquisadores voluntários do projeto, enquanto manuseia um dos fragmentos cerâmicos do kit

Ficha técnica do projeto (ordem alfabética)

Claudilene Pedrosa Caldas, estudante de Engenharia Florestal, integrante do Centro de Culturas Indígenas (CCI) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), pesquisadora e colaboradora;

Cristian Miguel Brazão, estudante de Ciências da Computação, integrante do CCI da UFSCar, pesquisador e colaborador;

David Lugli Turtera Pereira, arqueólogo, consultor de Arqueologia;

Elvis Cristiano Ventura Cabuia, estudante de Engenharia de Produção, integrante do CCI da UFSCar, pesquisador e colaborador;

Isadora de Pinho Simões, estudante de Publicidade e Propaganda, estagiária do Núcleo de Cultura Afro-Brasileira (Nucab) da Uniso, pesquisadora e colaboradora voluntária;

Kuhupy Waura, estudante de Geografia, integrante do CCI da UFSCar, pesquisador e colaborador;

Larissa Girardi Losada, arquiteta e historiadora, coordenadora e proponente do projeto;

Mateus Lopes Teixeira, arqueólogo, pesquisador e colaborador voluntário;

Maria Eduarda Scatena Brançãm, historiadora, auxiliar de produção e pesquisadora;

Maurício André da Silva, educador do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), consultor de Arqueologia e Educação Museal;

Walter Cruz Swensson Júnior, coordenador do curso de História da Uniso, pesquisador e colaborador voluntário.

Projeto desenvolvido com recursos da Lei Paulo Gustavo (edital nº 23/2023 da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo).

Apoio institucional: Universidade de Sorocaba (Uniso) e Museu Histórico Sorocabano (MHS).